

“O que Achamos do Filme 365 DNI”: responsabilidade enunciativa e atos ilocucionários no gênero *podcast*

“O que Achamos do Filme 365 DNI”: enunciative responsibility at ilocutionary acts in *podcast* as a genre

Francisco Diego Sousa ¹

Maria Aparecida Porto Bessa ²

Rosângela Alves dos Santos Bernardino ³

RESUMO

Apesar da existência de diálogos empreendidos por profissionais dedicados a combater representações pejorativas relativas à mulher, ainda é comum encontrarmos, em nossa sociedade, discursos que propagam posições misóginas, sendo cada vez mais acentuados no universo das mídias digitais. Cientes da seriedade dessa problemática, propomo-nos a investigar a (não) assunção da responsabilidade enunciativa e os atos ilocucionários na construção desses discursos, especificamente no *podcast* intitulado “O que Achamos do Filme 365 DNI”, disponível no canal “Tranquilo Amor”, no *YouTube*, em que três psicólogos e uma publicitária tecem opiniões sobre o referido filme. Para tanto, filiamo-nos teoricamente à Análise Textual dos Discursos proposta por Adam, à teoria do ponto de vista desenvolvida por Rabatel, à teoria dos atos de fala, introduzida por Austin, e à abordagem bakhtiniana de gênero. A análise mostrou que, no tocante à responsabilidade enunciativa, observada em função do gerenciamento das vozes, os locutores-enunciadores primeiros manifestam-se como coenunciadores dos pontos de vista de filósofos, psicanalistas, antropólogos, e evidenciam distanciamento com relação aos pontos de vista do senso comum, disseminados, por exemplo, na produção cinematográfica e em letras de música. Quanto aos atos ilocucionários, observamos sua natureza diretiva e enfática sobre os interlocutores, construindo a ideia de que o filme “365 DNI” é uma produção ruim em diferentes aspectos, sobretudo por reproduzir o discurso machista e misógeno. Ao colocarmos em debate a polarização relativa aos discursos sobre a mulher, esperamos que este artigo contribua para o combate ao preconceito, ao machismo e a outros tipos de desvalorização da mulher.

Palavras-chave: Responsabilidade enunciativa. Atos ilocucionários. Gênero *podcast*.

ABSTRACT

Beside the fact of a wide set of discussions conducted by dedicated professional against a foolish representation concerned to woman, it is still very common that we face discourses that reveal misogynous positions in our society, this kind of discourses are strongly marked in the field of digital media. We are conscious about how serious this theme or problematic is, and how it has to be treated. So, we propose to investigate the non-assumption enunciative responsibility and illocutionary acts in constructing those discourses, and we do this in analyzing a podcast titled “O que Achamos do Filme 365 DNI” a video available at the channel “Tranquilo

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5335-246X>. E-mail: franciscodiego@alu.uern.br.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4113-0461>. E-mail: mariabessa@alu.uern.br.

³ Docente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pau dos Ferros/RN, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7812-4829>. E-mail: rosangelabernardino@uern.br.



Amor”, at Youtube platform, in which four professionals: three psychologists and a professional woman advertising discuss and give opinion about the film. To our analysis we take the theoretical contributions by Adam through his proposition called Text Discursive Analysis; The Point of View theory by Rabatel, and we also consider the theory of Speech Act introduced by Austin; and Bakhtin’s approach. The analysis showed that, in what is concerned to enunciative responsibility, checked duo to voice management, what we call first speaker-enunciator take position as co-enunciators from point of view by philosophers, psychoanalyst, anthropologist and they keep distance from common sense point of view, that are disseminated through films and music, for example. In what is concerned to illocutionary act we observed that the direct and emphatic way they act over the interlocutor, they construct an idea about the film “365 DNI” in which it is a bad production in so many different aspects, but mainly because it reproduces a misogynous and male chauvinist position. In putting here a debate in such a polarized perspective on discourses about woman, we hope this article can help to fight against a prejudiced debate against woman devaluation.

Keywords: Enunciative responsibility. Illocutionary acts. Podcast genre.

1 INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, circulam diversos discursos contrastantes relativos à postura da mulher nos relacionamentos amorosos, evidentes, por exemplo, em falas do tipo: “mulher gosta daquele cara que pisa”; “mulher não gosta de homens muito bonzinhos”. Enunciados como esses, além de perpassarem o senso comum, estão expressos, de modo mais ou menos explícito, em livros, na produção cinematográfica (filmes, séries), em letras de música, em peças publicitárias, nas falas do cotidiano e, mais recentemente, têm sido bastante reproduzidos/propagados no universo das mídias digitais.

Em contrapartida, as mulheres e outros grupos, como especialistas das mais diversas áreas, resistem a essa opressão, atuando através de diversos canais de comunicação, principalmente na internet, para desconstruir muitas das ideias misóginas. Nesse ínterim, em meio a tanta polarização, a análise de discursos sobre a mulher constitui um importante procedimento para a compreensão de alguns dos principais embates sociais. Como forma de colocar em prática esse procedimento de análise, nosso trabalho vem somar-se aos estudos desenvolvidos por outros pesquisadores voltados para a investigação de discursos subjacentes a conteúdos veiculados em mídias digitais. Citamos, a título de exemplo, os artigos de Bocchi (2017), Rebs e Ernst (2017), Alves e Bessa (2018), Lima Neto e Silva (2018), Silva (2019), Silva (2020), Bernardino, Nascimento e Batista (2020), entre outros.

Como *corpus* para este trabalho, selecionamos o *podcast* intitulado *O que Achamos do Filme 365 DNI*, no qual se acham os enunciados destacados no parágrafo anterior. Fizemos essa escolha motivados pela repercussão que teve o filme, que o deixou, por um tempo, em primeiro lugar entre os filmes mais populares do catálogo da *Netflix*. Mesmo assim, a obra é alvo de respostas diversas: muitas





pessoas e estudiosos viram nela uma representação negativa da mulher, concebida como submissa, masoquista, fraca. O *podcast*, por sua vez, faz uma análise crítica do filme, focalizando aspectos técnicos de produção (pelo olhar de uma publicitária), bem como aspectos psicológicos evidentes no que diz respeito à representação da mulher nos relacionamentos amorosos (pelo olhar de três psicólogos).

Tendo em vista esse cenário de vozes em divergência e em confluência acerca de um mesmo tema, nosso objetivo geral é investigar a (não) assunção da responsabilidade enunciativa e os atos ilocucionários no gênero *podcast*. Desse modo, as seguintes questões nos inquietam e norteiam a direção da análise aqui proposta: i) quais vozes são mobilizadas nesse gênero? ii) quais estratégias textuais-discursivas são mobilizadas pelos locutores-enunciadores para demarcar a responsabilidade enunciativa? iii) que posturas enunciativas são expressas pelos locutores-enunciadores no diálogo com outros pontos de vista? e iv) quais atos ilocucionários emergem no *podcast*?

Além do fato de que todo enunciado implica uma responsabilização por aquele que o profere, partimos do postulado de que o uso da linguagem, de um modo mais amplo, implica uma forma de agir sobre o outro, ou seja, em suas manifestações concretas, a linguagem apresenta um estatuto pragmático, exatamente porque cumpre determinado objetivo ou ação visada. Nesse sentido, além da formulação de um dizer, existem os chamados atos ilocucionários, que se referem ao modo *como* dizemos algo em determinada ocasião, em certas circunstâncias (AUSTIN, 1990). Consequentemente, de um ponto de vista pragmático, nosso dizer sempre age sobre as crenças e valores do outro.

Também assumimos a concepção bakhtiniana de gênero do discurso, definido como *tipos relativamente estáveis de enunciados* produzidos nas mais diversas esferas da atividade humana (BAKHTIN, 2016). Dessa forma, não trataremos o gênero *podcast* como uma entidade abstrata isolada, mas como um enunciado em cadeia, que responde a outros enunciados e suscita respostas. Além disso, não procederemos pura e simplesmente com a análise de aspectos mais específicos do gênero, mas, antes, faremos um exame do enunciado no seu *conjunto*, interpretando os aspectos que lhe constituem – muito embora não possamos esgotar a análise ou considerar minuciosamente todas as características do gênero.

À vista disso, faremos uma articulação de aspectos textuais-discursivos, enunciativos e pragmáticos na análise do gênero *podcast*. Para tanto, ancoramos nossas discussões na Análise Textual dos Discursos (doravante ATD), teoria proposta por Adam (2011); abordamos a noção de atos ilocucionários com base em Austin (1990) e na aplicação dessa categoria ao dialogismo, conforme Vanderveken (2007); e, por fim, trabalhamos com a noção de responsabilidade enunciativa à luz dos postulados da própria ATD e dos estudos enunciativos de Rabatel (2016a, 2016b, 2015, 2009).





Quanto à estruturação do plano de texto, além dessas considerações introdutórias, escrevemos um tópico no qual expomos os principais procedimentos metodológicos do trabalho; dois tópicos de natureza teórica, sendo que o primeiro trata da ATD e o segundo trata, especificamente, da responsabilidade enunciativa e dos atos ilocucionários; dois tópicos de análise, pois fazemos, num primeiro momento, uma investigação mais geral do gênero *podcast* com base nos postulados bakhtinianos e, depois, uma análise mais específica das categorias selecionadas; por fim, expomos nossos principais resultados e conclusões.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Inicialmente, pontuamos que nossa pesquisa situa-se numa abordagem qualitativa (GODOY, 1995), de caráter descritivo e interpretativo, uma vez que buscamos investigar as marcas da (não) assunção da responsabilidade enunciativa, as posturas enunciativas na construção interacional dos pontos de vista no gênero *podcast*. Ademais, articulamos a dimensão enunciativa do texto, na qual se concentra o fenômeno da responsabilização, a uma análise dos atos ilocucionários.

O *corpus* adotado para a pesquisa é um *podcast* – uma forma de transmissão de arquivos multimídia pela internet que, dentre outras possibilidades, pode conter tanto seleções/listas de sugestões de música, filmes, etc., como a exposição de uma opinião sobre determinado assunto. O material que selecionamos é intitulado *O que Achemos do Filme 365 DNI*, disponível em formato de vídeo no canal do *YouTube Tranquilo Amor*. O vídeo tem duração de 41 minutos e 1 segundo e compreende um diálogo entre três psicólogos (Osmar Reis, Luiza Colmán e Rhuan Silva) e uma publicitária (Jacqueline Peruzzo), em que são discutidas as representações sobre a mulher construídas no filme *365 DNI*.

Nesse sentido, desenvolvemos uma análise mais ampla do gênero *podcast*, conforme o procedimento metodológico assimilado a partir dos postulados bakhtinianos, uma vez que a ATD dialoga com a concepção de gênero desse autor. Em seguida, realizamos uma análise mais específica, focada na RE e atos ilocucionários no *corpus* que selecionamos para este artigo, de modo articulado às regulações do gênero e do plano do discurso.

Nessa direção, escolhemos um trecho do *podcast*, devidamente revisado e com marcação dos turnos de fala, para examinarmos no tópico mais focado nas categorias. Para proceder a análise, primeiramente, foi feita a transcrição do conteúdo de áudio para texto. Com esse fito, usamos a ferramenta de transcrição simultânea do *Microsoft Word 2010*. Após isso, revisamos os aspectos





gramaticais (inserimos os sinais de pontuação, revisamos palavras que não foram bem capturadas pelo programa de transcrição, entre outros aspectos) e marcamos os turnos de fala dos sujeitos que compõem o *podcast* (os *podcasters*).

Além disso, procedemos da seguinte forma: (i) identificamos os pontos de vista presentes no gênero analisado; (ii) descrevemos e analisamos as estratégias textuais-discursivas que evidenciam o(s) posicionamento(s) do locutor-enunciador primeiro e suas posturas enunciativas relativas aos pontos de vista imputados a *outrem*; (iii) interpretamos os efeitos de sentido gerados a partir dos atos ilocucionários e dos movimentos de (não) assunção da responsabilidade enunciativa, considerando o contexto discursivo em que o *podcast* foi produzido e as regulações do gênero.

3 ANÁLISE TEXTUAL DOS DISCURSOS

AATD, principal teoria que subsidia este trabalho, consiste em uma abordagem teórico-metodológica que articula objetos ao mesmo tempo distintos e complementares, a saber: o texto e o discurso. Jean Michel-Adam, em sua obra *Linguística Textual: introdução à Análise Textual dos Discursos* (ADAM, 2011), funda a ATD e decide relacionar a linguística textual e a análise de discurso praticada por Maingueneau, o que resulta em um quadro teórico que pensa a análise do texto e do discurso a partir de novas categorias.

Acresce à articulação desses objetos a importância dada ao gênero. Por isso, assumimos o postulado de que o gênero regula as nossas práticas de linguagem, além de atuar como mediador entre os planos do texto e do discurso, conforme especificado no Esquema 4 em Adam (2011, p. 61). Embora distanciadas em níveis pelo referido autor, as categorias propostas para ambos os domínios estão relacionadas no uso, ou seja, nas práticas discursivas humanas. Por conseguinte, não podem ser separadas, mas delimitadas a partir do enfoque que se queira dar à análise. Desse modo, os níveis do discurso, assim como os níveis do texto, inter cruzam-se e relacionam-se ao gênero. Essa concepção se aproxima da ideia de *conjunto* do enunciado expressa por Bakhtin (2016), uma vez que não se pode separar um dos elementos do enunciado sem considerar *o todo* do qual o elemento é parte constituinte.

Conforme Adam (2011), na dimensão discursiva, todo discurso atua sobre as crenças e valores dos interlocutores, ou seja, age sobre quem ouve/lê (Nível 1); aquele que produz o discurso é um sujeito que ocupa um espaço sociodiscursivo (Nível 2); todo discurso também se materializa na forma de uma variante linguística específica (Nível 3). Na dimensão da análise textual, tem-se como base que todo enunciado possui uma textura composta por proposições enunciadas e períodos (Nível 4); as



seqüências textuais e planos de textos, componentes da estrutura composicional (Nível 5), também emergem na materialidade do enunciado; além disso, os textos apresentam o plano semântico, do qual as representações discursivas fazem parte (Nível 6). Os níveis 7 e 8, que se referem, respectivamente, aos planos da enunciação e dos atos de discurso ou ilocucionários, serão mais discriminados na próxima seção, visto que eles compõem o recorte teórico deste trabalho.

Cumpre acrescentar que a ATD se configura como uma proposta de estudo da produção co(n)textual de sentidos. O texto é concebido, então, como um objeto complexo, dado o caráter variado de suas dimensões. Mais: o texto não é autoexistente nem autoconstitutivo, mas é construído a partir do olhar que lançamos sobre ele. Nesse sentido, o contexto de produção, bem como a materialidade linguística inerente a esse objeto, são instrumentos pelos quais o reconstruímos. Não obstante, o texto não deve ser visto como algo essencializado, como um conceito pronto, de modo a concebermos que há critérios bem estabelecidos que o constituem (ADAM, 2015).

Outra noção importante para o quadro teórico da ATD é o conceito de proposição-enunciado. Nesse quadro teórico, a frase não pode ser tratada como elemento menor de análise textual, muito embora seja uma unidade de segmentação tipográfica relevante. Esse pensamento sustenta-se em razão de a frase não possuir uma estabilidade sintática que seja suficiente. Acresce a isso o fato de a frase ter seus limites não verificáveis e descrições imprecisas (ADAM, 2011). Por conseguinte, concebe-se uma terminologia metalinguística que possa dar conta da complexidade de unidades mínimas, visto que a gramática não contempla, a partir da terminologia tradicional, conceitos que abranjam as unidades supracitadas.

Nessa perspectiva, compreendemos que, diversa à frase da maneira como é concebida pela gramática tradicional, como uma construção sintática, muitas vezes, isolada de um contexto, a proposição-enunciado é resultado de um ato concreto de enunciação. Por isso, não se trata de uma construção virtual, abstrata, alheia a uma situação real de uso, mas de uma microunidade sintático-semântica emergente na interação entre interlocutores.

Visto ser o produto da enunciação, a proposição-enunciado é um dado complexo ao qual se associam fenômenos intrínsecos à linguagem, isto é, dimensões complementares próprias ao domínio textual/discursivo. Toda proposição-enunciado materializa um ponto de vista pelo qual alguém é responsável. Além disso, relaciona-se a discursos outros e materialidades (cotextos) que lhe antecedem ou sucedem, não obstante possam estar implícitos. Além disso, a proposição-enunciado está vinculada a uma representação discursiva, uma imagem construída a partir do conteúdo proposicional, além de veicular um valor ilocucionário, uma força argumentativa que lhe é própria (ADAM, 2011).



4 PONTO DE VISTA, RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E ATOS ILOCUCIONÁRIOS

De acordo com Passeggi *et al.* (2010, p. 299), "a responsabilidade enunciativa [...] consiste na assunção por determinadas entidades ou instâncias do conteúdo do que é enunciado, ou na atribuição de alguns enunciados ou PdV a certas instâncias." Esse fenômeno enunciativo de imputação/atribuição ou assunção é comum nos textos produzidos nas mais diversas esferas de produção humana e é evidenciado através de marcas linguísticas que possibilitam uma leitura desse movimento.

As *instâncias* às quais os autores se referem são denominadas, na perspectiva da ATD, *locutor* e *enunciador*. Locutor é a instância que produz um enunciado. Desse modo, as escolhas gráficas, fonéticas e fáticas são construções de um locutor que formula o enunciado na sua dimensão “física”. Além disso, é o locutor quem coloca em cena diferentes enunciadores. O enunciador, por sua vez, também está na origem de um ponto de vista (PdV); é uma fonte enunciativa responsável pelas escolhas de referência e, conseqüentemente, por uma visada argumentativa. Não há, pois, PdV sem enunciador, assim como não há enunciado sem PdV ou sem uma instância responsável. Por conseguinte, a responsabilidade enunciativa é um fenômeno que perpassa todo texto concreto (RABATEL, 2016a). Na visão rabateliana, a separação teórica dessas duas instâncias é fundamental para dar conta da natureza polifônica dos enunciados.

Além disso, PdV é outro conceito que tem destaque nas discussões sobre responsabilidade enunciativa (doravante RE). Para Rabatel (2016a), se quisermos analisar um PdV, temos que, por um lado, recuperar seus contornos e, por outro, sua fonte enunciativa, que pode estar implícita. Para isso, o autor destaca ser necessário examinar o modo de atribuição e construção dos referentes, bem como a forma de agenciamento das frases em um enunciado. Nessa perspectiva, enunciação e referência são aspectos correlatos, e PdV refere-se a um conteúdo proposicional cuja fonte é um enunciador. Destarte, não há PdV sem enunciador e os enunciadores são construídos a partir do discurso, dos conteúdos proposicionais que lhes são imputados.

A visão de Rabatel (2016a, p. 100) sobre PdV propõe: "[...] o PDV não se limita a um *modus* subjetivo ao qual se oporiam um *dictum* objetivo. É, em um primeiro momento, no nível do *dictum*, por intermédio, sobretudo, da seleção, a categorização ou, ainda, a estruturação que operam as





modalidades." Desse modo, na própria predicação, que envolve escolhas lexicais e referenciais que não necessariamente passam pelos dêiticos, o PdV surge.

Em resumo, há contextos de *asserção* de PdV, em que o locutor-enunciador primeiro assume o PdV, uma vez que ele o julga verdadeiro; contextos de *imputação* de PdV, decorrentes dos casos em que o locutor-enunciador primeiro atribui um PdV a outro enunciador, como ocorre, por exemplo, em citações diretas; e, ainda, situações nas quais existe uma quase-responsabilização, uma vez que o locutor-enunciador primeiro, nos casos de imputação, pode ser favorável ao PdV atribuído a um enunciador segundo (e2) (RABATEL, 2009). Assim, os enunciadores citados, explícitos ou não na materialidade do texto, compartilham de uma responsabilidade por vias de imputação de um conteúdo proposicional.

Desse modo, todo locutor pode ser, concomitantemente, um enunciador, mas nem todo enunciador é locutor, uma vez que, no caso imputação de PdV, o conteúdo proposicional imputado pode não ter sido proferido pela instância citada pelo locutor-enunciador primeiro (L1/E1). Referimo-nos, por L1/E1, à instância que produziu o enunciado alvo da análise, que pode conter outros enunciadores, cujas vozes são gerenciadas por L1/E1.

A separação teórico-conceitual entre locutor e enunciador torna possível falarmos em posturas enunciativas. Assim sendo, a maneira como o L1/E1 decide formular o PdV de um enunciador segundo é significativo no plano da enunciação. Dessa forma, ao trazer a cena PdV de outros enunciadores, questiona-se qual a postura de L1/E1 em relação ao PdV imputado. Mais: existem graus de engajamento no que tange ao conteúdo proposicional atribuído a outra instância, e são as posturas enunciativas que possibilitam afinar a posse dessas gradações (RABATEL, 2016b).

Há três posturas enunciativas úteis à análise de enunciados, quais sejam: coenunciação, superenunciação e subenunciação (RABATEL, 2016b, 2015). A coenunciação consiste no acordo entre dois locutores e enunciadores na construção/enunciação de um PdV; a superenunciação “[...] é definida como a construção desigual de um PDV dominante encenando o papel de tópico discursivo [ou tópico nocional].”; enquanto “A sub-enunciação consiste na coconstrução desigual de um PDV dominado [...]” (RABATEL, 2016b, p. 194).

A *coenunciação* acontece quando L1/E1 é coprodutor de um PdV que, embora imputado a um segundo enunciador, é compartilhado, ou seja, também é assumido e é alvo do acordo de L1/E1. Nesse ínterim, aquele que imputa o PdV é um colocutor e um coenunciador, visto que L1/E1 compartilha do conteúdo proposicional atribuído ao e2.



A *superenunciação*, por sua vez, diz respeito à construção de um conteúdo proposicional dominante. Nesse caso, L1/E1 é o produtor de um PdV dominante em comparação ao PdV imputado ao e2. Na *superenunciação* há aparência de acordo envolvendo os locutores (citado e citante), porém, na verdade, mesmo parecendo dizer o mesmo que o e2, L1/E1 modifica/reformula o PdV imputado ao seu favor, de modo a convergir num movimento argumentativo que lhe favoreça.

A *subenunciação* acontece quando existe a coconstrução de um PdV dominado. Primeiro, L1/E1 é colocutor de um conteúdo proposicional que ele imputa a um e2; contudo, as estratégias de L1/E1 direcionam-se ao desacordo no que se refere ao valor de verdade do conteúdo atribuído a essa instância segunda, fazendo com que o PdV imputado seja dominado no plano enunciativo. Destarte, o enunciado pode apresentar marcas textuais/discursivas que evidenciem esse afastamento enunciativo, de modo que torne mais fácil ao analista a classificação dessa postura.

Além da RE, que possui gradações e pode ser analisada através de diferentes marcas linguísticas (dêiticos espaciais e temporais, índices de pessoas, tempos verbais, etc.) (ADAM, 2011), o texto também possui atos de discurso ou ilocucionários. Então, além de ser caracterizado por uma diversidade de vozes, todo texto possui um estatuto pragmático. Por isso, quando falamos/escrevemos, agimos sobre o conjunto de crenças e valores daqueles que nos ouvem/leem.

Nessa perspectiva, Austin (1990) introduz uma concepção de linguagem como *ação*, como forma de agir sobre o real, em contraposição à ideia da sua época de que a linguagem seria a representação do real. A linguagem também não pode ser tratada como algo abstrato, separada dos contextos. Para o autor, uma expressão só faz sentido na sua relação com a situação em que é produzida, com seu contexto social e cultural.

Em um primeiro momento, Austin (1990) distinguiu, por um lado, enunciados que descrevem ou relatam um estado de coisas – aos quais denominou *constativos* – e que, por essa razão, poderiam ser julgados como verdadeiros ou falsos; e, por outro lado, os enunciados que não descrevem ou relatam nada, mas, quando produzidos seguindo certa estrutura gramatical, realizam uma ação.

Contudo, apenas formular um enunciado performativo não implicava sua realização. Assim, postulou-se que existem certas *condições de felicidade* para o sucesso de um enunciado performativo, dentre as quais se destacam [1] a necessidade do falante ter autoridade para realizar o ato proferido e [2] o contexto em que o enunciado performativo é produzido precisa ser adequado. Destarte, para a realização da ação inscrita no enunciado “Declaro-vos marido e mulher”, é necessário que aquele que produziu o enunciado seja uma autoridade religiosa – ou alguém investido de outro tipo de autoridade – e as condições que cercam o que é dito sejam apropriadas.



Todavia, conforme avançava nos seus estudos, o filósofo percebeu que mesmo enunciados que à primeira vista pareciam apenas descrever algo possuíam uma natureza performativa. Viu, então, que todo enunciado exerce alguma função no momento em que é formulado. Sendo assim, “um acontecimento fundamental no pensamento austiniano é o fato de que após o abandono da distinção performativo-constativo (cf. Austin, 1958), ele continua a empregar o performativo para denominar toda ‘fala’ humana.” (OTTONI, 2002, p. 126, grifos do autor).

Outro conceito importante nas discussões de Austin (1990) e que está diretamente ligado à noção de performatividade é a sua concepção de ação. De acordo com Ottoni (2022, p. 129), “ação, para Austin, tem um significado muito preciso pelo fato de ser um dos elementos constitutivos da performatividade. Para ele, a ação é uma atitude independente de uma forma lingüística: o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação.” Desse modo, é possível falar-agir e não realizar a ação expressa no ato performativo, mas também é admitido que a própria fala é uma forma de ação.

Subsequente ao abandono da distinção entre constativos e performativos, é introduzida a ideia de que todo ato de fala possui três partes: [1] um ato *ilocucionário*, que diz respeito à produção da fala em seu sentido mais “físico”, i.é., à construção sonora e sintático-semântica do dizer; [2] um ato *illocucionário*, que se refere ao modo *como* algo é dito em determinada ocasião: se estamos fazendo uma promessa, um convite, uma ameaça, etc.; [3] um ato *perlocucionário*, que se relaciona aos efeitos ou consequências que o dizer exerce sobre os sentimentos, pensamentos ou ações do interlocutor (AUSTIN, 1990).

Neste trabalho, assumimos uma visão textual-discursiva e pragmática dos atos ilocucionários. A teoria dos atos de fala desenvolvida a partir de Austin (1990) preocupou-se com atos ilocucionários individuais, como promessas, solicitações, afirmações, etc., muito embora o autor tenha reconhecido que há uma diversidade de atos. Contudo, a partir da ATD, assumimos uma visão de texto como um todo complexo e não segmentado, ou seja, como um objeto multifacetado que não se restringe à união de elementos menores.

Portanto, entendemos que um texto concreto não pode ser reduzido a uma sequência de atos ilocucionários. Trata-se, na verdade, de uma espécie de ato ilocucionário de nível superior. Além disso, pensamos que a força de um enunciado depende, diversas vezes, de enunciados anteriores com os quais ele mantém diálogo, dos conhecimentos compartilhados pelos interlocutores, das atitudes e formas de vida partilhadas (VANDERVEKEN, 2007).



5 ANÁLISE DO GÊNERO *PODCAST*

O gênero, numa perspectiva bakhtiniana, não pode ser separado da esfera da atividade humana na qual ele é produzido (familiar, religiosa, jornalística, etc.). As esferas, assim como a situação de interação mais imediata, constituem e caracterizam os gêneros, de modo que aqueles que fazem parte de uma mesma esfera podem possuir aspectos similares.

À vista disso, o gênero *podcast* compõe, no nosso entender, a esfera digital. Por conseguinte, ele possui aspectos presentes em outros enunciados que a constituem: os meios de veiculação são plataformas ou aplicativos digitais (*YouTube*, *Spotify*, *Soundcloud*, *Deezer*, entre outras); o espaço e o tempo físicos da interação entre interlocutores não são os mesmos; as formas para estabelecer a interação também são distintas: pode ser através do *like*, em alguns casos, compartilhamento, comentários em *chats*; os interlocutores podem ser numerosos e variados, visto que enunciados digitais costumam ter um espaço de divulgação muito amplo.

No caso do *podcast* que selecionamos, coletado no *YouTube*, há uma série de restrições colocadas pela plataforma que regulam o que pode ou não pode ser dito, dentre as quais destacamos: não são aceitos vídeos com conteúdos pornográficos explícitos; não são aceitos conteúdos que não respeitem direitos autorais de outros; há também a possibilidade de denúncia para conteúdos que promovam *bullying* virtual, violência (sexual ou de outra ordem), etc⁴. Sabemos, contudo, que essas regras podem ser violadas em alguns casos, o que também é comum em outros gêneros.

Acresce a essas restrições alguns fatos relacionados à esfera digital: normalmente, quanto mais visibilidade tiver um conteúdo, mais respostas – com valores axiológicos distintos – ele terá. Quando, por algum motivo, um determinado conteúdo ganha muita repercussão em uma das plataformas, ele poderá circular de forma mais intensa na esfera e até se tornar assunto para a composição de outros gêneros: como quando um vídeo publicado no *YouTube* ganha tanta notoriedade ao ponto de se tornar conteúdo para *memes*, *stories* do *Instagram*, etc. Além disso, no caso do *YouTube* em particular, quanto mais visualizações e *like* um vídeo tiver, mais divulgado ele será dentro da própria plataforma. Sendo assim, a velocidade com que as informações se movem nessa esfera é impressionante, assim como é interessante a fluidez que há entre as diferentes mídias e plataformas digitais.

Ademais, cada enunciado, para Bakhtin (2016), é um elo na cadeia de outros enunciados. Sendo assim, eles mantêm relações dialógicas em diferentes níveis: podem *responder* – num sentido amplo –

⁴ Para mais informações, acessar o link: <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/policies/#community-guidelines>.





outros enunciados pelo fato de tratarem de um mesmo tema, podem possuir estruturas parecidas, estilos semelhantes.

O *podcast* que analisamos faz um exame de um filme, com foco no machismo e na concepção misógina de mulher que a obra apresenta. Consequentemente, o *podcast* responde ao enunciado fílmico, a enunciados outros com teor machista e misógino, aos discursos anteriores que validaram ou desqualificaram o filme, etc. Para fundamentar seus posicionamentos, os sujeitos que falam no *podcast* se baseiam em discursos de autoridade advindos da psicanálise, da publicidade, da filosofia, dentre outros.

A título de exemplo, Luiza Colmán, psicóloga e uma das mulheres que participam do *podcast*, fala em um trecho do vídeo das relações de poder e de dominação que envolvem homens e mulheres, o que nos remete às discussões foucaultianas. Em outro momento, Rhuan Silva fala do complexo de Édipo e de aspectos psicanalíticos do filme, o que retoma enunciados freudianos. Além desses exemplos, poderíamos citar muitos outros, de vozes mais ou menos explícitas do que as citadas, que demonstram a natureza dialógica do *podcast*.

Além desse aspecto, o *podcast* apresenta semelhanças estruturais com outros gêneros. Ele correlaciona informações e descrições sobre uma obra fílmica, faz críticas e emite opiniões, o que é comum ao gênero resenha crítica; logo no início, o *podcast* se aproxima do gênero resumo, haja vista que faz uma síntese das principais informações do filme; em outros momentos, aspectos do gênero piada também emergem, como a ironia e a provocação. Sendo assim, o gênero que analisamos dialoga com enunciados anteriores em termos estruturais também, embora não possa ser confundido com nenhum deles.

Como já dissemos, devido à natureza da esfera digital, e quando nos referimos especificamente à plataforma de divulgação de vídeos *YouTube*, temos que reconhecer a heterogeneidade dos interlocutores que o *podcast* em análise possui. São pessoas que viram o filme e têm curiosidade para ouvir um posicionamento crítico da obra; seguidores que acompanham a maioria dos vídeos do canal no qual o *podcast* foi postado; pessoas que ainda não viram o filme e querem, antes disso, uma opinião da obra; estudantes de psicologia. Enfim, não há como determinar com precisão as características e diferentes papéis sociais ocupados pelos interlocutores, uma vez que o *podcast* tem muitas visualizações no *YouTube*.

Não obstante, assumimos que o estilo de um gênero é determinado, dentre outras coisas, pela situação social mais próxima e pelos interlocutores sociais mais imediatos (VOLÓCHINOV, 2017). A situação física da produção do *podcast* analisado foi o que parece ser as próprias casas dos profissionais,





uma vez que eles aparecem sentados, em lugares distintos, mas que notadamente possuem aspectos comuns: a visualização de móveis e outros elementos domésticos. Essa informação tem respaldo em dados divulgados pela ABPod⁵, que estimam que cerca de 73,5% dos *podcasters* gravam seus programas em casa.

Isso, unido ao fato de que três dos *podcasters*, os psicólogos Osmar Reis, Luiza Colmán e Rhuan Silva, gravaram juntos diversas vezes, talvez explique o estilo mais informal da linguagem usado em alguns momentos, comum quando se trata de conversa entre amigos. Contudo, a situação social mais próxima também leva em conta que esses sujeitos, assim como a convidada Jacqueline Peruzzo, estão produzindo um *podcast* que será ouvido por um público diversificado, e isso justifica, em outros momentos, um estilo voltado para o uso de termos técnicos e teóricos, o que também se explica em função dos papéis sociais ocupados pelos *podcasters*.

O gênero também atua na distribuição dos papéis. Assim, aqueles que produziram o *podcast* ocupam lugares sociais validados, pois são estudiosos da área de psicologia, têm domínio do gênero, têm um público, etc. A convidada Jacqueline Peruzzo, por exemplo, tem formação em publicidade e propaganda e faz questão de, no início do *podcast*, afirmar: “[...] sou publicitária, mas trabalho com produção de vídeo já tem uns 10 anos. Eu atualmente tenho uma produtora de vídeo [...]”. Essa fala, mais do que informar acerca de uma formação acadêmica, legitima o papel que ela exerce: apesar de não ser psicóloga como os seus amigos, ela tem propriedade para se apropriar do gênero *podcast* e analisar o filme. Na realidade, visto que se tratava da análise de um filme, dizer que realiza exames de vídeos há dez anos também traz validação através da experiência com esse tipo de trabalho.

6 RESPONSABILIDADE ENUNCIATIVA E ATOS ILOCUCIONÁRIOS NO *PODCAST*

Após se apresentarem como amigos, fazerem uma síntese do filme e tecerem as primeiras críticas técnicas à obra – destacando aspectos como fotografia, músicas escolhidas, roteiro, dentre outras coisas –, os L1/E1⁶ protagonizam a cena transcrita a seguir, na qual um deles questiona as mulheres acerca de um ponto relevante do filme:

Rhuan Silva: [...] eu tenho uma pergunta para as nossas duas mulheres aqui hoje: a Luíza e a Jaqueline. Tem uma fala dele que diz assim, ó: “vou te dar a chance de se

⁵ O link para acesso a esse e outros dados é: <http://abpod.com.br/podpesquisa>.

⁶ Entendemos que o *podcast* possui quatro locutores-enunciadores primeiro, haja vista que cada um dos *podcasters* é responsável por suas próprias escolhas fonéticas, gramaticais, referenciais e modais.





apaixonar por mim”. Olha só, a frase dele para ela, né? Então, assim, eu queria entender que que vocês acham? Porque que vocês acham que determinadas – não vou generalizar, porque são, não são todas as mulheres, né? Inclusive eu sei que vocês não veem isso com bons olhos –; mas o que que acontece hoje que as mulheres ainda aceitam esse tipo de submissão, sabe? Sendo, é o homem que tem que dar a chance dela se apaixonar por ele? Como é que funciona isso? Qual que é a visão de vocês? Eu tô vendo que a Jaqueline tá chega se mordendo ali [riso coletivo] [...].

Luiza Colmán: Vai lá, Jacqueline.

Jacqueline Peruzzo: É que, cara, eu fico nervosa porque, bom, primeiro que a gente não tem como responder sua pergunta sem a gente apontar o que eu acredito que é o problema que leva a gente ter essa relação de abuso, né? Que é uma posição masculina muito prejudicial, né? Um machismo... e você vê que esse machismo ele tá presente em todos os personagens masculinos. Não é nem só nele. Desde a primeira cena lá que tem o pai dele, que tem uma cena onde eles estão fazendo um negócio. E todas as menções a mulheres são feitas de forma muito machista, de forma como se a mulher, realmente, fosse para ser mercadoria. Então, e... e... eu fico assim muito chocada, de verdade, quando eu vejo que as mulheres não conseguem, muitas mulheres não conseguem perceber, né, esse tipo de comportamento como sendo ruim, ao ponto das pessoas consumirem isso, tipo, achando legal e cobrarem até, né? “Nossa, vocês não viram ainda”.

Primeiramente, L1/E1 (Rhuan Silva⁷) se expressa dizendo “eu tenho uma pergunta para as nossas duas mulheres aqui hoje: a Luíza e a Jacqueline”. Essa fala consiste em um ato ilocucionário com valor de convite. Subsequentemente, essa fala, que visa que os interlocutores pratiquem uma ação – no caso, a ação de responder o questionamento feito –, é reiterada no modo imperativo por outro L1/E1 (Luiza Colmán): “Vai lá, Jacqueline”. O convite tenciona que as duas mulheres integrantes do *podcast* comentem o discurso machista que um dos personagens principais do filme, Don Massimo Torricelli, dirige à protagonista mulher, dizendo: “vou te dar a chance de se apaixonar por mim”.

A força desse ato, antes de estar na estrutura linguística em si, remonta a enunciados anteriores que defendem, por exemplo, que deve ser dado lugar de fala às mulheres, especialmente quando se tratar de questões que lhes dizem respeito de forma mais direta. Como a questão feita tem relação com uma fala machista e misógina do personagem Massimo Torricelli, o fato de L1/E1 (Rhuan Silva) convidar as mulheres a se posicionarem tem um sentido particular: dar o poder da fala para que o machismo, não apenas o do filme, seja posto em cheque. Destarte, logo no início do enxerto forças sociais contrastantes são colocadas em cena e um ato ilocucionário com teor subversivo ganha relevo.

Todavia, também temos que levar em conta as regulações do gênero, que colocam como natural essa estrutura de fazer perguntas que possibilitem discussões. O gênero *podcast*, em muitos

⁷ Embora Rabatel (2016) separe o autor físico do enunciado do L1/E1, faremos, apenas com fins de clareza, a indicação de cada L1/E1 destacando à pessoa física entre parênteses.





casos, possibilita que pessoas sejam convidadas para falar sobre um determinado tema. Consequentemente, a pessoa convidada é instigada, em muitos momentos, a debater e se aprofundar sobre o tema, a apresentar posicionamentos pessoais, a responder anseios que o público possui. Portanto, o *podcast* em análise, especificamente, reproduziu essa convenção do gênero em diversos momentos, o que fica à mostra tanto no trecho em análise como no vídeo como um todo.

No plano enunciativo, L1/E1 (Rhuan Silva) imputa, na forma de uma citação direta, um PdV a um e2: “Tem uma fala dele que diz assim, ó: ‘vou te dar a chance de se apaixonar por mim’”. Nesse caso, trata-se da imputação de um PdV com posterior distanciamento enunciativo, evidente no próprio contexto e na forma como esse L1/E1 constrói a pergunta. O desacordo em relação ao conteúdo proposicional imputado fica evidente, por exemplo, na avaliação pessoal “eu sei que vocês não veem isso com bons olhos” e na posterior afirmação de que o PdV cria uma representação inferiorizada da mulher: “o que que acontece hoje que as mulheres ainda aceitam esse tipo de submissão, sabe?”.

A postura enunciativa presente é a da *superenunciação*, tendo em vista que L1/E1 (Rhuan Silva) é superenunciador, ou seja, produz um PdV dominante em relação ao conteúdo proposicional imputado ao e2 (RABATEL, 2015). O desacordo, nesse caso, mais do que um movimento enunciativo, representa, no plano do contexto discursivo que cerca o enunciado, a reprovação de atitudes que denigram a imagem da mulher e que a coloquem como uma figura que depende do homem para ser satisfeita, que precisa ter uma chance para se apaixonar por um determinado homem e, apenas assim, ser feliz. Há, pois, uma arena (BAKHTIN, 2016) instalada na qual enunciados conflituosos se instauram.

A proposição-enunciado “eu sei que vocês não veem isso com bons olhos” é um ato ilocucionário assertivo, pois expressa uma inferência que L1/E1 coloca no plano da certeza, isto é, ele se compromete com a verdade expressa no conteúdo proposicional. Além disso, há uma espécie de imputação prévia de PdV, porque, antes mesmo que as mulheres respondessem, L1/E1 (Rhuan Silva) lhes atribui um posicionamento. Contudo, ao considerarmos aspectos pragmáticos, inferimos que essa é uma estratégia textual-discursiva que serve, ao mesmo tempo, de defesa e validação positiva das parceiras conversacionais, haja vista que, embora tenha sido afirmado que muitas mulheres aceitam passivamente a submissão – ou seja, não houve generalização –, também é dito que esse não é o caso das interlocutoras diretas. Consequentemente, a força argumentativa da imputação prévia fica mais acentuada graças ao compartilhamento de posições e conhecimentos entre os L1/E1.

Muitas vozes conflituosas são suscitadas na proposição-enunciado “mas o que que acontece hoje que as mulheres ainda aceitam esse tipo de submissão, sabe?”: vozes das mulheres que aceitam a



violência masculina sem reação; das pessoas que viram o filme e não enxergam esse machismo na obra; dos próprios L1/E1, que agem, através da linguagem, com atos ilocucionários diversos, os quais visam produzir nos interlocutores uma percepção mais crítica do filme; etc. Percebemos, pois, através da pergunta em destaque e de muitos outros trechos do *podcast*, atos discursivos que têm como propósito ilocucionário levar os ouvintes a repensarem suas avaliações da obra e da própria violência física ou simbólica praticada contra a mulher na sociedade.

Esse propósito também fica evidente na resposta que L1/E1 (Jacqueline Peruzzo) dá à questão posta. Há, na articulação da resposta, atos discursivos que expressam emoções, um estado psicológico: “É que, cara, eu fico nervosa”; “eu fico assim muito chocada, de verdade”. Ao contrário do que pode parecer, esse ato não indica uma simples fragilidade emocional, mas uma revolta contra a forma de opressão machista. A ação performativa de expressar emoções pode, inclusive, contribuir para que os interlocutores também se revoltem. Ao dizer que fica chocada, L1/E1 está, concomitantemente, afirmando que há um machismo tão evidente que as demais pessoas, especialmente as mulheres, deveriam perceber a violência presente no filme. Além do mais, a força performativa desse movimento também é subsidiada por discursos anteriores (VANDERVEKEN, 2007) de revolta e denúncia cravados na história e com os quais o ato performativo em análise dialoga em termos de emotividade.

A proposição-enunciado “E todas as menções a mulheres são feitas de forma muito machista, de forma como se a mulher, realmente, fosse para ser mercadoria” consiste, mais uma vez, na assunção de um PdV de denúncia e um ato ilocucionário de valor assertivo, pois L1/E1 (Jacqueline Peruzzo) se compromete com o valor de verdade expresso. No plano do discurso, essa proposição dialoga com enunciados anteriores que despersonalizam e objetificam as mulheres, presentes com frequência em filmes, propagandas publicitárias e na sociedade de forma geral. Esse PdV também suscita respostas do tipo: não vi machismo no filme; concordo, o filme é muito machista; há um exagero na crítica ao filme; etc. Tanto é que, ao considerarmos os comentários do *podcast* no YouTube, percebemos essas respostas contrastantes, o que aponta para as tensões sociais em torno do tema.

No final da sua resposta, L1/E1 (Jacqueline Peruzzo) afirma que fica chocada por muitas pessoas não perceberem o comportamento machista – expresso no filme e na sociedade – e diz: “ao ponto das pessoas consumirem isso, tipo, achando legal e cobrarem até, né? ‘Nossa, vocês não viram ainda.’” Nesse conteúdo proposicional percebemos um ato ilocucionário de contestação aos discursos anteriores que incentivam as pessoas a verem o filme. O propósito ilocucionário, mais uma vez, parece ser o de levar os interlocutores a reavaliarem seus comportamentos e opções, a terem um olhar mais aguçado em relação à misoginia que perpassa o filme.



Há também uma imputação de PdV quando L1/E1 (Jacqueline Peruzzo) diz que as pessoas cobram outras para verem o filme: “Nossa, vocês não viram ainda.” Pelo contexto, constatamos que há desacordo, inclusive muito acentuado, atinente ao PdV imputado ao E2. Contudo, questionamos: por que suscitar vozes, de forma tão direta, de enunciadores dos quais L1/E1 discorda veementemente? Inferimos que, do ponto de vista da força ilocucionária, trazer discursos com os quais os interlocutores possam se identificar – dizendo “eu me identifico porque também indiquei o filme”, por exemplo – estabelece uma aproximação maior com o público e o provoca de forma mais intensa. Essa provocação, junto à expressividade da afirmação de estar chocada com o comportamento de algumas pessoas, pode culminar em um novo posicionamento dos interlocutores, porque tudo o que está sendo dito vem de especialistas, de pessoas que ocupam papéis validados do ponto de vista do gênero e das relações de poder.

Tendo analisado o gênero *podcast*, com foco na RE e nos atos ilocucionários, ressaltamos a diversidade de vozes evocadas, de variadas fontes: da filosofia, da psicanálise e da psicologia, da publicidade, do senso comum, dos discursos machistas, dos discursos de resistência, etc. Os atos ilocucionários também são heterogêneos, mas a maioria visou influenciar as crenças e os valores dos interlocutores, no sentido de fazê-los ter uma concepção mais crítica do filme *365 DNI* e da própria sociedade machista em que vivemos. Além disso, vimos como é enriquecedor, para análise de textos concretos, a articulação de aspectos teóricos textuais-discursivos, enunciativos e pragmáticos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção por articular dois níveis de análise textual, a RE e os atos ilocucionários, mostrou-se como uma possibilidade de compreensão do funcionamento discursivo e pragmático de enunciados concretos. Nessa perspectiva, vimos que a ATD, por ser uma teoria que concebe o texto na sua complexidade e o articula com o discurso e com o gênero, fornece um importante dispositivo teórico-metodológico que possibilita esse tipo de análise. Graças a isso, foi possível examinarmos aspectos dos atos discursivos que transcendem o nível da pura identificação e descrição, abrangendo também os planos textual-discursivo e enunciativo.

Nosso estudo mostrou que os atos ilocucionários construídos pelo L1/E1 no gênero *podcast* tentaram levar os interlocutores à constatação de que o filme *365 DNI* reproduz o discurso machista e misógino que perpassa nossa sociedade, por isso mesmo foi avaliado como uma produção cinematográfica ruim. Conseqüentemente, a força ilocutória desses atos se subsidia em enunciados





anteriores (VANDERVEKEN, 2007) de luta e resistência das mulheres a toda forma de opressão e esforço para lhes submeter a qualquer tipo de dominação. Concomitantemente, esses atos se instauram em um cenário conflituoso, uma vez que respondem a enunciados anteriores que reforçam as práticas de violência contra a mulher bem presentes no contexto nacional em que o gênero foi produzido.

A análise do gerenciamento das vozes mostrou que os L1/E1 se aproximam de muitos enunciadores (filósofos, psicanalistas, antropólogos, etc.) e se distanciam de outros, sendo que nestes últimos casos os L1/E1 se colocavam como superenunciadores de PdVs dominados. Desse modo, foram citados os homens que representam a masculinidade tóxica, as mulheres que incentivam a reprodução e compartilhamento de conteúdos machistas, a própria sociedade, dentre outros e2 dos quais L1/E1 discordaram de forma veemente. Assim, a imputação de PdV seguindo da postura de desacordo foi uma das estratégias textuais-discursivas que os L1/E1 usaram para reforçar seus posicionamentos.

Esperamos, portanto, que nosso artigo incentive a produção de novos trabalhos que articulem diferentes perspectivas teóricas, uma vez que o texto é um objeto tão complexo que, para sua compreensão, justifica-se o recurso a diferentes abordagens (ADAM, 2011). Nesse sentido, focalizamos a RE – com base em Adam (2011) e Rabatel (2016a, 2016b, 2015) –, os atos ilocucionários – conforme Austin (1990) e Vanderveken (2007) – e as reflexões bakhtinianas para embasar a análise do gênero *podcast*. Ademais, a análise empreendida revelou a polarização relativa aos discursos sobre a mulher, demonstrando o funcionamento de enunciados contrastante sobre o tema. Por essa razão, também temos o intuito de que nosso trabalho contribua para o combate ao preconceito, ao machismo e a outros tipos de desvalorização da mulher.

REFERÊNCIAS

ADAM, J-M. **A linguística textual**: uma introdução à análise textual dos discursos. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues, Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. Revisão Técnica: João Gomes das Silva Neto. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J-M. Introduction aux problèmes du text. *In*: ADAM, J-M. (dir.). **Faire Text**: frontières textuelles de textualisation. Tradução: Euclides Moreira e Nouraide Fernandes Rocha de Queiroz. Besançon: Presses Universitaires de France-Comté, 2015. p. 11-33.

ALVES, W. M.; BESSA, J. C. R. Orientações para escrita da redação do Enem em vídeos do Youtube. **Hipertextos Revista Digital**, v. 19, p. 1-23, 2018.





AUSTIN, J. L. **Quando o dizer é fazer**: palavras e ação. Tradução: Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAKTHIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERNARDINO, R. A dos S.; NASCIMENTO, D. P do.; BATISTA, R. R. Responsabilidade enunciativa e posição ideológica em discursos polarizadores sobre o casamento homoafetivo. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 28, n. 4, p. 1837-1872, 2020.

BOCCHI, A. F. de A. Efeitos de maternidade no post: movimentos de sentido entre estabilização e resistência. **Diálogo da Letras**, v. 6, n. 02, p. 119-138, 2017.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

LIMA NETO, I. S.; SILVA, F. V. "Confesso, logo ganho likes": modos de enunciar a sexualidade em vídeos de youtubers gays. In: KOLLROSS, N. (org.). **Mídia, construções identitárias e processos socioculturais**. Londrina: Syntagma Edtores, 2018. p. 213-231.

OTTONI, P. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **DELTA**, v. 18, n. 1, p. 117-143, 2002.

PASSEGGI, L. *et al.* A análise textual dos discursos: para uma teoria da produção co(n)textual de sentido. In: LEITE, M. Q.; BENTES, A. C. (org.). **Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 262-312.

RABATEL, A. **Homo narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa**. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues, Luís Passeggi, João Gomes da Silva neto. São Paulo: Contexto, 2016a.

RABATEL, A. Os desafios das posturas enunciativas e de sua utilização em didática. Tradução: Weslin de Jesus Santos Castro. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação (EID&A)**, n. 12, p. 191-233, 2016b.

RABATEL, A. Postures énonciatives, variable générique et stratégies de positionnement. In: ANGERMULLER, J.; PHILIPPE, G. **Analyse du discours et dispositifs d'énonciation: autour des travaux de Dominique Maingueneau**. Tradução: Euclides Moreira Neto. Limoges: Lambert-Lucas, 2015. p. 125-135.

RABATEL, A. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... **Langue Française** – La notion de prise en charge em linguistique, n. 162, p. 3-27, 2009.

REBS, R. R.; ERNST, A. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. **Diálogo das letras**, v. 06, n. 02, p. 24-44, 2017.





SILVA, F. V. O que pode um corpo solitário e desejante? Discursividades sobre a masturbação em vídeos do YouTube. *In*: SOUSA, R. E. dos S.; SANTOS, A. C. dos. (org.). **Por dentro da tela: o cinema em horizonte interdisciplinar**. Rio de Janeiro: Mares Editores, 2019, v. 2. p. 255-276.

SILVA, D. S. DA. LGBT (Q de Queiroz): deslizamentos de sentido em efeitos metafóricos no discurso do deputado Eduardo Bolsonaro no Twitter. **Diálogo da Letras**, v. 9, p. 1-16, e02022, 2020.

VANDERVEKEN, D. Principes de pragmatique formelle du discours. **Philosophiques**, v. 34, n. 2, p. 229-258, 2007.

Artigo recebido em: 12/06/2020

Artigo aprovado em: 06/12/2020

Artigo publicado em: 07/12/2020

COMO CITAR

SOUSA, F. D.; BESSA, M. A. P.; BERNARDINO, R. A dos S. “O que Achemos do Filme 365 DNI”: responsabilidade enunciativa e atos ilocucionários no gênero *podcast*. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 9, p. 1-20, e02027, 2020.